

# A educação social e a investigação: algumas generalidades em torno de um perfil profissional

Florbela Samagaio  
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

florbela.samagaio@esepf.pt

Palavras-chave: Pós-modernidade, Globalização, Competitividade, Investigação, Ciência.

## Resumo

Este artigo constitui uma reflexão em torno do perfil profissional do Educador Social. Procura fundamentalmente relacionar a sua prática profissional com a investigação realçando a importância desta no bom desempenho profissional do Educador Social. Procura ainda demonstrar como a Educação Social pode ser vista como uma das muitas respostas face às exigências da sociedade (pós)moderna e como se integra no paradigma da Ciência Pós-Moderna desenhado por Boaventura Sousa Santos: “Um conhecimento prudente para uma vida decente”.

## 1. Globalização e pós-modernidade: novos desafios face aos saberes

Ao longo dos séculos XIX e XX, as sociedades ocidentais assistiram à ocorrência de profundas transformações sociais, económicas e políticas. Atingiram, embora com traços marcantes de desigualdade, o que alguns sociólogos designam por era moderna e até pós-moderna. O desenvolvimento das sociedades é caracterizado por longos trajectos nem sempre lineares. Contudo, as exigências da sociedade actual estão presentes em todos os discursos, desde os mais académicos até aos mais políticos. Globalização, competitividade e inovação constituem-se em palavras fundamentais que designam o rápido virar da página do milénio. Paralelamente, e, por vezes, entrando em relativa contradição, as questões da justiça social e da cidadania originam novos desafios no sentido do equilíbrio social.

A globalização dos mercados financeiros, a mundialização das actividades económicas e culturais e a revolução da informação e da comunicação, feita fundamentalmente com base nas novas tecnologias, alteraram, em todo o mundo, os trilhos do desenvolvimento económico, assim como as relações de poder, nos nossos dias. Poderemos estar perante outros riscos, outros receios e até certas ameaças no que diz respeito à promoção dos valores e dos Direitos Humanos. Não deveremos cair em determinismos que nos obriguem à opção entre a eficiência e a eficácia económicas e justiça e a solidariedade sociais, sob pena de agravarmos a desigualdade social e o próprio desequilíbrio da sociedade. Sabemos hoje, com relativa segurança, junto dos vários quadrantes políticos e científicos, que a eficiência e a eficácia económicas constituem um meio para o tão proclamado equilíbrio social e não um fim em si mesmo. A sustentabilidade da economia não pode ser vista separada da qualidade de vida das populações. Efectivamente, se para uns é claro que o mundo entretanto construído evidencia uma dualidade entre poderosos e vulneráveis, para outros é num contexto social e humanista que se deverão encontrar os valores e os sistemas de coesão das sociedades.

Na pluralidade dos saberes e das formações disciplinares, resultado do processo de complexificação das sociedades, fazendo face a estas novas exigências da vida em sociedade, emerge de modo pertinente a Educação Social. Formação profissional, ela própria resultante duma encruzilhada de saberes, procura, constantemente, corresponder, na medida do possível, em diálogo com outras áreas científicas, às solicitações de determinadas problemáticas sociais. É aceite que as ditas sociedades complexas implicam não só novas exigências, como também novas aprendizagens. A tão proclamada competitividade baseia-se fundamentalmente na Inovação, na Investigação e no desenvolvimento das formações e saberes disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares. Há uma fragmentação moderna do Saber. Trata-se, no fundo, da evidência do fenómeno social total

de Marcel Mauss. Na verdade, qualquer fenómeno, problema de investigação ou, simplesmente, *coisa*, como diria E. Durkheim, pode e deve ser perspectivado de acordo com vários enfoques teóricos.

A globalização traz consigo a necessidade de uma investigação transfronteiriça e a Educação Social, apesar de intervir principalmente através da formação/educação, partindo do pressuposto de que todo o indivíduo é, independentemente da sua idade, um *ser educável*, não descarta a flexibilidade e a elasticidade dos saberes. Para bem intervir, o educador social é, ele próprio, um investigador. Num contexto de investigação-acção ou não, ele treina a observação, ele levanta um problema de investigação, ele fundamenta teoricamente a sua visão e intervenção, ele procede ao necessário ajustamento metodológico, ele constrói uma resposta normalmente sob a forma de projecto de intervenção e avalia-a. Ele constrói um conhecimento para melhor intervir à medida das suas necessidades e de acordo com determinados contextos sociais, económicos e académicos.

Não se pretende, neste momento caracterizar o modelo cultural e profissional do Educador Social, somente se quer dar conta do seu trabalho e da importância que a investigação científica poderá ter no cumprimento do respectivo papel profissional. Neste sentido, é com legitimidade que poderemos questionar o que é a investigação e para que serve. São várias as perspectivas que oferecem respostas, normalmente coincidentes. Investigação e Ciência andam lado a lado, investigação científica igualmente. Pretendem analisar fenómenos, explicar os mesmos em ordem ao conhecimento rigoroso, prever num contexto de probabilidade, e intervir no sentido de minimizar, melhorar e até, por vezes, resolver determinadas situações.

A investigação pode, então, ser definida de acordo com alguns manuais da seguinte forma: é uma actividade humana orientada para a descoberta da verdade.

Podemos igualmente perguntar. Que verdade? A verdade do momento? A verdade para mim? A verdade para a sociologia, a verdade para a medicina, a verdade

para a psicologia, a verdade para as ciências da educação, a verdade para a antropologia? Tantas verdades sobre o mesmo fenómeno, diferentes e nem sempre coincidentes, por vezes contraditórias, mas, seguramente, complementares. Uma certeza: a verdade constrói-se de acordo com objectivos determinados e em função de certas condições sociais de produção do saber...e constrói-se com vista à objectividade no sentido de um conhecimento rigoroso.

## 2. A investigação, a ordem e a estabilidade

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna formou-se a partir da revolução científica do século XVI e foi-se desenvolvendo ao longo dos séculos seguintes fundamentalmente através das ciências naturais. Apesar de o seu caminho não ser rigorosamente linear, podemos afirmar que só no século XIX é que este modelo se estende às Ciências Sociais. Desde então, existe um modelo global de racionalidade científica, que é também um modelo totalitário na medida em que nega a vertente racional a todas as formas de conhecimento que não se pautam pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas (Santos, 1996). Vai-se construindo deste modo um paradigma científico baseado em fundamentos científicos como, por exemplo, os seguintes: a Teoria heliocêntrica do movimento dos planetas de Copérnico, as Leis de Kepler sobre as órbitas dos planetas, as Leis de Galileu sobre a queda dos corpos, a Síntese cósmica de Newton e a Consciência filosófica de Bacon e, sobretudo, de Descartes.

Paradigma da ciência que a representa como poderosa e segura, distanciada, trabalhada e rebuscada, determinada mas nem sempre determinante, e, por vezes, voltada ao ostracismo.

Um conhecimento baseado na formulação de leis e que tem como ideia básica a de ordem e de estabilidade do mundo. A ciência é segura, verdade absoluta, uma certeza. Mas, mudam-se os tempos, mudam-se as *verdades*...

### 3. A Investigação e o retorno à simplicidade

Actualmente, vivemos numa era (pós) moderna do *saber* e assistimos não só à crise do paradigma dominante da ciência como também à emergência de um novo paradigma, alicerçado em nomes tão sonantes quanto os anteriores. Hegel, Heidegger – “a coerência global das nossas verdades físicas e metafísicas só se conhece retrospectivamente” – por isso, e nas palavras de Boaventura Sousa Santos, podemos dizer que “ao falarmos do futuro, mesmo que seja de um futuro que já nos sentimos a percorrer, o que dele dissermos é sempre uma síntese pessoal, embebida na imaginação, no meu caso na imaginação sociológica (Santos, 1996: 36). Visão parcelar do mundo onde a ciência, actividade humana orientada para a descoberta da verdade, descobre a afectividade e faz despertar a dúvida de quem a faz.

Vivemos a metarmofose da ciência: Capra fala da nova física, Daniel Bell da sociedade pós-industrial. E continuando a usar as palavras do professor Boaventura Sousa Santos referimo-nos a um “novo paradigma, um paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente” (Santos, 1996:37)

Prudente, conhecimento seguro, fundamentado, baseado nas probabilidades; um conhecimento, obtido de acordo com regras metodológicas, ou seja, de acordo com os procedimentos do método científico. Decente, conhecimento honesto, sério, necessário, rigoroso, assente quer na seriedade teórica quer no respeito pelo outro.

O perfil profissional do educador social procura obedecer a este novo paradigma. A intervenção da educação social

faz-se com base num conhecimento (relativamente) seguro da realidade e, neste sentido, salienta-se a importância que o diagnóstico da situação tem para este profissional. É seguramente partindo da realidade, tal como ela é, nunca como ela deveria ser e muito menos como gostaríamos que ela fosse, que o educador social constrói o seu saber e realiza a sua intervenção. Para isso, o educador social deverá saber fundamentar teoricamente as suas opções e deverá dominar minimamente os métodos e as técnicas de investigação utilizadas no âmbito das Ciências Sociais e das Ciências da Educação. São estes os instrumentos que permitem um conhecimento próximo da realidade através do contacto directo e/ou indirecto com as populações. Torna-se fundamental, para um conhecimento prudente, o contacto com as populações. O *trabalho de terreno* e o *trabalho no terreno* constituem a primeira etapa do trabalho investigativo do educador social e para tal deverá o mesmo profissional desenvolver as suas competências interpessoais com base na ética da investigação social. Uma investigação realizada à medida das necessidades sentidas, feita com rigor e com cuidado, enfim, prudente, fomentando o desenvolvimento deste profissional como pessoa e como técnico em ordem a uma vida decente, com base em princípios científicos, éticos e mesmo morais. Um educador é aquele que ajuda os outros a crescer e a ser... e a saber, na medida do possível, responder às suas próprias necessidades. É um trabalho glorioso! Dignificante! A sua intervenção faz necessariamente parte de um paradigma de investigação e de intervenção: uma vida decente. Uma vida profissional baseada na educação não formal, no rigor e, no conhecimento, e, mais uma vez, em princípios éticos.

A era de globalização e a complexificação das sociedades fazem emergir a simplicidade das coisas. A ciência está mais próxima dos cidadãos e através da vertente da (in)formação pode ajudar à construção da própria cidadania. A ciência é paralelamente um meio para o conhecimento e o conhecimento em si mesmo.

Ao mesmo tempo, assistimos à reabilitação do senso-comum como forma de conhecimento que não se deverá descurar. Lembremo-nos que é ele que nos harmoniza com a realidade. No entanto, esse será assunto para comentar noutras circunstâncias.

Referimos anteriormente que uma das necessidades da sociedade moderna se prende com a inovação e, efectivamente, trata-se de um assunto que está na ordem do dia: inovação, tecnologia e realidade empresarial são palavras que vulgarmente andam associadas. A estas, acrescentamos, perfis profissionais e competências. Acreditamos que o profissional que efectua intervenção social deverá ser inovador e criativo. O trabalho de projecto que o educador social desempenha exige soluções específicas e ajustadas a cada situação. A singularidade das situações bloqueia a cópia de modelos de intervenção e fomenta o espírito inovador. Incentiva a investigação. Alguns autores, nomeadamente da área económica, como, por exemplo, Mintzberg, referem-se aos papéis do empresário como agente inovador privilegiado. Neste sentido, “pode-se definir a seguinte tipologia: *papel decisional* (funções de exploração de oportunidades, superação de dificuldades, distribuição de recursos e negociação das inovações); *papel interpessoal* (funções figurativas, de liderança e de ligação aos demais grupos envolvidos nas inovações); *papel informacional* (funções de porta-voz, monitor e disseminador das inovações).

O empresário surge, assim, como agente privilegiado das inovações, porque é característica sua saber retirar vantagens da cíclica *destruição-criadora* a que se refere Shumpeter, e pela formulação de *um projecto de empresa estratégico e participado*, que envolve o papel informacional a toda a empresa para a implementação e difusão da inovação.” (Moura, 2003: 337)

A figura do empresário constitui um elemento fundamental no desenvolvimento das sociedades, contudo, outros profissionais não deverão ser descurados desse processo. O desenvolvimento e a evolução são processos

que dizem respeito a *todos*. Os profissionais da educação, quer pelo seu perfil, quer pela sua formação, quer pela exigência a que procuram corresponder na vida quotidiana, são agentes cruciais em qualquer processo de mudança.

É-nos familiar e querido o lema de Santa Paula Frassinetti: “*Educar bem é transformar o mundo*”.

O mesmo acontece com o educador social e o seu trabalho de projecto. A aproximação ao terreno, a observação da realidade, o estabelecimento de prioridades de intervenção, a selecção do problema fundamental, o conhecimento e a gestão das condições e das oportunidades permitem-lhe a aprendizagem e o desempenho de um verdadeiro papel decisional, ao qual juntamos, por sua vez, o designado papel interpessoal, a desempenhar no relacionamento com as comunidades locais, com os actores institucionais e com outros profissionais em geral e, principalmente, no processo de liderança/desenvolvimento do projecto. Relativamente ao papel informacional, basta pensarmos em todo o trabalho de mediação que envolve a intervenção social. O trabalho do educador social é simplesmente difícil. Ele tem que envolver a população, incentivar a sua participação num projecto colectivo e fundamentalmente consciencializá-la para a mudança dando voz à vontade de mudança e ao Desenvolvimento Endógeno. Fazer as populações acreditarem na mudança através da educação não formal faz do educador social um agente simultaneamente *destruidor* e *criador* por excelência.

#### 4. A educação social no contexto da investigação pós-moderna: contributos para uma investigação sem fronteiras

O conhecimento pós-moderno é um conhecimento sobre as condições de possibilidade: o conhecimento é total, tem como horizonte a totalidade universal, e local, constitui-se em torno de temas que em dado momento

são pertinentes, adoptados por grupos de trabalho concretos, como projectos de vida locais, sejam eles a prevenção em termos de saúde pública, manter um espaço verde, construir um computador ajustado às necessidades dos idosos e ou das crianças, encaminhar um imigrante, constituir um serviço de apoio à família, à criança. A fragmentação do saber já não é disciplinar mas sim temática.

É que a inovação científica, na pós-modernidade, consiste em inventar novos contextos de investigação que conduzam a um ajustamento constante das metodologias. A educação social actua por excelência em novos contextos de investigação e é igualmente uma ramificação do saber que encaixa oportunamente nos saberes temáticos e fragmentados.

Não se pretende dizer o que é um educador social e para que serve, no entanto, podemos adiantar algumas ideias. Todo o trabalho de intervenção social encontra-se balizado por dois tipos de postura face à realidade empírica: o trabalho envolvido por conceitos abstractos e o trabalho de terreno. O ideal será conjugar os dois tipos.

O educador social procura saber um pouco de tudo e, ao mesmo tempo, parece que não sabe nada: ajustando-se continuamente a uma realidade, procura operacionalizar uma intervenção sócio-pedagógica junto de determinadas categorias sociais, consideradas mais vulneráveis a situações de exclusão. Este é o seu desígnio. Perdidos na interdisciplinariedade, levando consigo alguma teoria e uma prática educativa com fins sociais, ou, por outro lado, uma prática social com fins educativos, – ou talvez ambas – esta é seguramente uma dificuldade em termos de afirmação num mercado de trabalho complexo e competitivo. No entanto, é precisamente esta dificuldade que lhe confere as virtualidades mais seguras do seu trabalho: a polivalência e a flexibilidade, as quais fazem parte do espírito investigativo.

O futuro não passa apenas pela detenção de títulos escolares, passa pelo conhecimento e pela visão que cada um

tem do mundo. Essa visão também se constrói na Escola, mas, principalmente somos nós que a construímos.

Dos vários caminhos a percorrer, existem dois que, para os educadores sociais, poderão ser predominantes: ou optam por uma conduta baseada numa atitude ansiosa e angustiante, como quem não sabe o que fazer perante a realidade, ou, por outro lado, optam por um comportamento baseado numa postura investigativa estimulante e prudente, tentando levar a efeito “uma vida decente”. Todos os educadores e todos aqueles que intervêm na realidade social sonham um dia que as suas intervenções/acções/projectos possam influenciar a própria mudança social e é o que fazem os educadores sociais ao trabalharem diariamente em certas questões e/ou com categorias sociais. No entanto, o seu trabalho deve assentar num conhecimento efectivo e rigoroso sobre essa mesma realidade. Conhecer para mudar, conhecer para construir uma sociedade melhor tem sido a chama do espírito científico. E os educadores sociais com as suas rotinas de trabalho e com o seu empenho podem seguramente contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações e assim influenciar o devir social.

## 5. O que podem os educadores sociais aprender com a investigação?

### 5.1 A flexibilidade do pensamento

Actualmente, o nosso país procura construir uma política de inovação que se pretende bem sucedida. Ela deverá atingir todos os sectores da sociedade, desde os indivíduos, os grupos, as empresas, os profissionais até às mais variadas formas de saber e de conhecimento. A curiosidade intelectual e a construção do conhecimento pelo próprio actor em função das necessidades detectadas são dimensões a considerar na formação de competências para o técnico de

intervenção social. O espírito investigativo possibilita a flexibilidade do pensamento no sentido de um ajustamento constante face às próprias transformações sociais, numa postura de cidadania e responsabilidade. A flexibilidade e a rapidez de resposta relativamente às exigências de uma sociedade e de uma economia em mudança constituem o estandarte da competitividade que se procura construir diariamente.

## 5.2 O trabalho de terreno e as relações interpessoais

Construir o conhecimento com base numa perspectiva de terreno e de relacionamento interpessoal significa igualmente dar forma a uma postura de investigação-acção. A observação empírica permite ao investigador e ao técnico de intervenção social, (neste caso, o Educador Social), a aproximação física ao campo de análise. Torna-se fundamental que o investigador abandone por algum tempo o seu gabinete e se desloque ao terreno para apurar um conhecimento efectivo sobre a realidade. A realidade é o que é e ao mesmo tempo a forma como se apresenta. O investigador deve procurar a verdade algures entre uma e outra faceta. O conhecimento baseado na observação empírica da realidade e nas pessoas que dela fazem parte é um conhecimento importante e parceiro do conhecimento teórico e estatístico dessa mesma realidade. No sentido de obter alguma garantia de fiabilidade deve o investigador/educador social munir-se das técnicas de investigação e das estratégias de (im)permeabilidade face ao senso-comum. Para além destas, deve-se ainda salientar a importância da capacidade de relacionamento interpessoal. Uma investigação no e de terreno é construída em função da qualidade das relações interpessoais.

## 5.3 As diferenças sociais e culturais

As sociedades são compostas por uma vasta diversidade sócio-cultural. Classes sociais, estratos sociais, grupos sociais e indivíduos diferenciados compõem as sociedades. Diferentes maneiras de ser, de saber, de sentir e de agir dão corpo a um sistema social carregado de simbologia. Valores materiais e imateriais atribuem organização e sentido às coisas. As práticas sociais, os modos de produção e de comunicação povoam o quotidiano das sociedades. No fundo, a cultura atribui o sentido à vida e às coisas. Consoante o seu lugar de classe, o indivíduo visiona o mundo em função do seu padrão ou modelo cultural. Os contextos de trabalho dos educadores sociais são diversificados. Desde a infância à terceira idade passando pelas várias juventudes, o educador social procura constantemente adaptar-se a diferentes situações e realidades. Os contextos de pobreza e de exclusão social, o universo das famílias existentes no panorama social português, as populações (i)migrantes, as diferenças sociais e económicas apelam à construção de uma postura de trabalho marcada pelo conhecimento, pelo respeito e pela sensibilidade face à diferença.

A investigação possibilita o contacto com as mais diversas realidades sociais.

## 5.4 O contexto e o método científico

A produção da ciência e da investigação em geral é inseparável do seu contexto social, económico e político assim como das condições materiais existentes. Fazer ciência é uma das facetas da actividade humana. Procura sempre a descoberta da verdade e sua optimização.

Conhecer as etapas do método científico ajustado quer às Ciências Sociais e Humanas quer às Ciências da Educação assim como as várias técnicas de investigação e metodologias de análise faz parte da formação disciplinar



do educador social. O seu trabalho de projecto no terreno não é viável sem aquele tipo de conhecimento. Diagnosticar uma situação e perspectivar soluções implica um conhecimento relativo da linguagem científica.

A prática da investigação favorece um espírito criativo e empreendedor, apela a um desempenho rigoroso e assente em princípios éticos. A cultura do profissionalismo deverá fazer parte do perfil do educador social.

Investigar e contactar com a realidade e a teoria possibilitam a reconstrução de ideias e a destruição de preconceitos e, fundamentalmente, a (re)produção do conhecimento fomenta o retorno à simplicidade e abre a perspectiva da humildade de nada se saber. Assim: “O progresso das certezas científicas produz, pois, o progresso da incerteza”, ensina-nos Edgar Morin.

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, J. Ferreira; PINTO, J. Madureira, *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Ed. Presença, 1983.
- FERNANDES, A. Teixeira, *O Conhecimento Sociológico*, Maia, Editorial Brasília, 1983.
- GUIDDENS, Anthony, *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora, 1992.
- GUIDDES, Anthony, *Sociology*, Cambridge, Polity Press, 1989.
- MORIN, Edgar; *Ciência com Consciência*, Mem Martins, Publicações Europa – América, 1994.
- MOURA, Rui, “Inovação e Aprendizagem Organizacional”, in RODRIGUES, M.<sup>a</sup> João; NEVES, Arminda e GODINHO, M. Mira, *Para um Política de Inovação em Portugal*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003, pp. 323-339.
- RODRIGUES, M.<sup>a</sup> João, NEVES, Arminda, GODINHO, M. Mira (coord.), *Para uma Política de Inovação em Portugal*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003.
- PINTO, J. Madureira; SILVA, Augusto S., *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, E. Afrontamento, 1987.
- SANTOS, B. Sousa, *Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna*, Porto, Ed. Afrontamento, 1989.
- SANTOS, B. Sousa, *Um Discurso Sobre As Ciências*, Porto, Ed. Afrontamento, 1996.
- TOURAINÉ, Alain, *Critique de la modernité*, Paris, Ed. Fayard, 1992.